

Prólogo

O AUTO

(RCS)

Estar-se em experiência de arte.

Estar-se em pensamento.

Num palco despojado, num teatro de arena, mal-iluminado, um sujeito maltrapilho entra, um lorde, um sábio, caminhando com dificuldade, com as mãos estendidas, ou com uma mão estendida, enquanto a outra segura um cajado.

O sujeito maltrapilho, o sábio, um homem de idade indefinida, mas não muito moço, não muito velho, talvez com uma barba escura, mas rala, malfeita, tem as mãos estendidas; ou uma mão estendida, caminhando em silêncio e com dificuldade para lugar nenhum, e na palma estendida leva alguns objetos pequenos e muito simples: um bilhete, uma rolha de vinho bebido, duas ou três páginas de caderneta com traços indefiníveis, uma pétala de flor (recolhida em lugar secreto), um botão de camisa, uma pedrinha verde de anel, coisas assim.

Supõe o senhor, assim, ser a experiência o já feito, o consabido; entretanto não: trata-se, na experiência, de um ato que requer o desconhecer sempre; trata-se de estar solto do feito....

Estar-se em experiência de arte...

Ele mostra esses objetos para a audiência, mas sem mostrar de fato, sem alarde e sem excesso de gestos; ou sem gestos. Não há ninguém. Ele fala? Esse homem sábio, esse homem-mulher-mulher-homem, essa multidão silenciosa, esse furor fala, terno e exigente:

Qual esforço haverá de levar-se algo excessivamente minúsculo à página e mesmo assim insistir? Caber-me-ia colher o modo de levar à rua algum fragmento de coisa e colocar sobre o quente asfalto; algo mínimo, deus meu, então de amor repleto; algo que se pudesse apresentar com medida luz para que, da distância em que nós, homens e mulheres agora, em que nós nos encontramos; pudéssemos, e peço-lhe, leitor – não sendo possível ver – isto: pressentir conter-se entre dois dedos, um grão de ideia; nele, certa curiosidade, indícios de desdobramentos possíveis auxiliados pelos saberes de, de quem?

O cérebro. A máquina do cérebro. Ele nos revela a máquina de nosso cérebro.

Neste livro surpreendente e generoso, RCS enfim expõe em toda sua extensão e vigor seu originalíssimo pensamento em torno das raízes e desdobramentos espaciais do moderno e do contemporâneo, afirmando este último (*não se é ou se está no contemporâneo a toda hora ou em todos os espaços ou em todos os atos; logo há mais de um modo de constituir-se o contemporâneo e, de alguma maneira, entre os vários modos, exercem-se conflitos*) como um campo versátil e em constante deslocamento, em relação ao qual cada um de nós, também múltiplos e versáteis, nos inserimos e interagimos – ou não. A partir desse campo, ou nesse mapa expandido, RCS entrelaça múltiplos possíveis percursos, orientado a meu ver por pelo menos dois horizontes de seu (nosso) maior interesse. O Brasil (afirmando-o nas conquistas democratizantes das últimas décadas), ou seja, a Política (em todas as suas camadas, encarnações e temporalidades); e a Arte (claro, também uma forma de política): viver em estado de potente poesia (de arte) apresenta-se como aposta constante. Alquimia (clínica) plenamente realizada por este livro imprescindível: tornar-se Vida;

tornar-se Obra. Processo que inclui o leitor: *livro-penetrável*, pois especialmente capacitado a nos transformar.

Não me resta mais nada a não ser agradecer. Pois as palavras e as coisas podem sempre fugir. Eu agradeço, então, pela minha vida.

Eu agradeço, eu agradeço, eu agradeço...

Renato Rezende